

*A Fundação Migrantes  
em colaboração com o Comitê Promotor  
(Acli, Inas-Cisl, Mcl, Missionários Scalabrinianos)*

## **Relatório dos Italianos no Mundo 2007**

### Dossiê de Síntese

A história da emigração italiana é um livro continuamente aberto: começado pelos pioneiros, os migrantes recentes continuam escrevendo hoje páginas novas. Pode-se dizer que em todos os países do mundo encontram-se sugestões interessantes sobre nossas vicissitudes migratórias, e o *Relatório dos Italianos no Mundo* tenta recuperá-las, como fez na Argentina, Austrália e Grã-Bretanha e também nos assentamentos na Croácia e Eslovênia, bastante marcados pelas vicissitudes históricas do período pós-guerra e que ainda sofre com problemas remanescentes.

Não se trata de histórias, lugares e coletividades distantes, por ser contínuo o intercâmbio entre aquelas realidades e a sociedade italiana, com as visitas dos políticos e dos homens do governo, representantes das entidades locais, autoridades religiosas, estudiosos, escritores, expoentes do mundo empresarial, social e pastoral e uma imensa série de atividades: artísticas, científicas, econômicas, turísticas.

O *Relatório Migrantes*, com sua periodicidade anual, apresenta-se como um livro para fazer conhecer e lembrar, unindo às páginas de história as situações atuais e salvaguardando o laço entre estas duas Itálias, sempre mais indispensáveis num mundo globalizado.

A Fundação Migrantes comemora em janeiro o “Dia Nacional das Migrações”, chamando a atenção sobre todos os aspectos da mobilidade humana, começando pelos nossos emigrados. Este volume, em sua segunda edição, espera contribuir para fazer superar, na Itália, aquela atitude de superficialidade, pela qual muitos são levados a pensar que a emigração seja uma realidade do passado, irrelevante no contexto atual. Ao mesmo tempo, esta grande coleta de dados e informações de natureza econômica, social, cultural e religiosa pode ser um incentivo, aos próprios emigrados, para detectar os temas e o estilo capazes de suscitar interesse e organizar ainda mais estas realidades.

Aos 37 capítulos, que compõem este segundo *Relatório dos Italianos no Mundo*, contribuíram 47 autores, não somente da redação central da Fundação Migrantes e dos organismos do Comitê Promotor (ACLI, Inas-Cisl, Mcl, Missionários Scalabrinianos), mas também de outras expressões do mundo associativo e das estruturas públicas.

**Os países de assentamento dos emigrados e dos descendentes.** Os 3.568.532 cidadãos italianos residentes no exterior, em abril de 2007, acabam sendo quase meio milhão a mais em relação ao ano anterior. Este forte aumento deve-se quase exclusivamente a uma melhoria do registro dos italianos residentes no exterior (AIRE - Anagrafe degli italiani residenti all'estero), que inseriu, em colaboração com os Consulados, muitas posições de compatriotas que antes estavam sob averiguação. 18% são constituídos por menores e mais 18% por aqueles com mais de 65 anos: no final das contas, esta população é mais jovem daquela que ficou na pátria. Os celibatários são a maioria (52%), e também este é sinal de uma população relativamente jovem. As mulheres, 47% da população emigrada, na maioria das vezes, foram protagonistas esquecidas, com um empenho de retomada nos últimos anos.

Quanto à distribuição da presença italiana no mundo, simplificando, pode-se dizer que a emigração italiana é principalmente euro/americana: mais da metade na Europa (2.043.998 cidadãos italianos, 57,3%) e mais de um terço nas Américas (1.330.148 – 34,3%). Porém, não se podem negligenciar as coletividades nos outros continentes, não só na Oceania (119.483), que continuou por muito tempo um expediente importante de nossos fluxos, mas também a Ásia (26.670) como saída para novos fluxos migratórios de caráter empresarial e a África (48.223), onde muitos países (Norte, Dobra e Sul da África) receberam compatriotas no passado.

Entre os países, no topo, encontramos aqueles com meio milhão de cidadãos italianos (Alemanha, Argentina e Suíça) e a França com 350.000: neste país, as presenças tornam-se muito mais numerosas se forem considerados também os naturalizados (mesmo dos oriundos), reflexão esta que vale também para vários outros contextos, das Américas à Austrália.

Há enfim países com 200.000 cidadãos italianos residentes (Bélgica, Estados Unidos, Brasil) ou com 100.000 (Reino Unido, Canadá, Austrália) e, mesmo com números menos importantes, há vários outros em que aconteceram capítulos importantes de nossa história emigratória. Na Europa, recordamos pelo assentamento permanente a Áustria, o Luxemburgo e os Países Baixos e, pelos fluxos de fronteiriços, Munique e São Marino, além da Suíça; na América Latina: Venezuela, Uruguai, Chile, Peru, Equador, Colômbia, México.

Na Romênia, por exemplo, encontramos uma coletividade dinâmica de novos emigrados italianos, geralmente empreendedores, junto com uma outra, de número reduzido e em condições precárias, que se estende de Dobruja à Moldávia, dos Carpazes à Transilvânia, trazendo à memória os fluxos de trabalhadores que, no final do séc. XIX, partiam do Friul e do Vêneto para as minas de granito ou os empresários para a construção civil.

A variedade dos fluxos encontra uma confirmação nos dados do INPS sobre as aposentadorias pagas no exterior. Em 2006, os primeiros países, por número de aposentadorias pagas pela Itália, cada um com mais de 50.000, são Canadá (65.942), França (56.126) e Austrália (54.575). Seguem dois países com mais de 40.000 aposentadorias (Argentina e Estados Unidos). Enfim, aparecem a Alemanha (36.486) e a Suíça (24.319). Por continentes, o maior número de pagamentos se refere à União Européia (34,1%), à América do Norte com 26,9% e à América Latina (17,2%); então, a Oceania (13,3%) e a Europa Extra-Comunitária, junto com a Ásia e a África, com os outros 8,5%.

Infelizmente, as aposentadorias são o mapa de uma emigração que se tornou idosa e, em muitos casos, pobre e necessitada de assistência: para responder às suas exigências em vários países da América Latina, o Ministério do Exterior ativou políticas sanitárias cumulativas.

No exterior, vivem também os descendentes dos primeiros protagonistas da emigração italiana. Está registrado no AIRE, como consequência do reconhecimento da cidadania italiana *iure sanguinis*, 1 em cada 37 italianos residentes no exterior (aproximadamente 100.000), uma incidência mais do que significativa e destinada a crescer, como deixa entrever o número elevado de pedidos já apresentados aos consulados e à espera da definição: fala-se de várias centenas de milhares de casos. Os cidadãos por aquisição estão concentrados nas Américas (50,5%) e na Europa (43,1%), ao passo que é insignificante a quota da Ásia (2.264), da Oceania (2.251) e da África (1.663). A Argentina garante o primeiro lugar na classificação destes novos cidadãos com 65.570 casos em 2007, seguido pelo Brasil com 13.300 casos.

**Regiões de partida e... de retorno.** Mais da metade dos cidadãos italianos atualmente residentes no exterior vêm do sul da Itália, mas também as regiões do norte (29,8%) e do centro (14,5%) não podem considerar-se não envolvidas no fenômeno. É suficiente pensar que entre 1876 e 1915 deixaram o Vêneto e o Friul 3.230.000 pessoas, 23% dos emigrantes italianos de então. Do Vêneto partiram também 9% dos emigrados entre 1916 e 1942, e, portanto, na emigração do período pós Segunda Guerra Mundial, os vênnetos atingiram porcentagens importantes: 11,5% dos expatriados entre 1946 e 1976.

Residem, hoje no exterior, no total, 2 milhões de pessoas vindas do sul da Itália, 1 milhão das regiões do norte e meio milhão das centrais.

No topo, há quatro regiões do sul: a Sicília com 600.000 cidadãos residentes no exterior, a Campânia, com quase 400.000, e a Calábria e a Apúlia com 300.000, às quais se une com a mesma consistência o Lácio, seguido pela Lombardia e o Vêneto com 250.000. Também as outras regiões apresentam quotas importantes de emigrados, embora em medida diferenciada, até chegar à Úmbria (27.000 unidades) e o Vale de Aosta (4.000).

Diferencia-se também a incidência dos emigrados no exterior sobre a população regional atual: com 10% encontramos o Friul-Venêcia Juliana, o Abruzzo e a Sicília, com 15% a Calábria e a Basilicata e com 22% (1 no exterior em cada 5 na região) o Molise. A média italiana, nada baixa, é de 6,6%, sob a qual encontram-se somente a Emília-Romanha, a Lombardia, a Toscana, a Úmbria, o Vale de Aosta e o Piemonte.

Em alguns casos, a população emigrada supera a que permaneceu na comuna de origem. São exemplo disso, na Sicília, a comuna de Villarosa, no Molise, Filignano, e, no Abruzzo, Roccamonica; esta última com 1.574 residentes no exterior e somente 1.012 permaneceram na comuna.

A emigração italiana foi, no panorama internacional, a mais fortemente marcada por retornos, envolvendo as regiões de origem, já beneficiárias das remessas durante a permanência de seus emigrados no exterior. Naqueles anos entre os séc. XIX e XX, as remessas foram denominadas a “fantástica chuva de ouro”. A partir de 1998, as remessas enviadas pelos imigrados na Itália superaram as remetidas pelos italianos no exterior, em sua maioria definitivamente estabelecidos e interessados em investir suas economias *in loco*.

Os repatriados, computados só a partir de 1905 (dos países extra-europeus) e de 1921 (dos países europeus), calculam-se em 9 milhões de unidades entre 1905 e 1981, com um saldo negativo, para a Itália, de cerca de 17 milhões. Entre 1987 e 2002, os registros, do exterior, de cidadãos italianos foram 704.208, de pouco inferior às partidas, que foram de 731.579. As fases mais intensas dos retornos estiveram relacionadas principalmente a grandes eventos históricos: as duas guerras mundiais, a depressão de 1966-67, *oil-shock* [crise do petróleo] de 1973 e, em épocas mais recentes, a crise econômica sul-americana de 2000/01.

Quem volta fica a cargo, há tempo, das regiões, com ajudas adequadas. Muitas prevêm bolsas de estudo para os filhos e netos dos concidadãos no exterior, cursos para agentes de emigração, iniciativas para favorecer a economia e o turismo. São numerosas também as associações que trabalham com os retornados: aliás, em Caserta, ultimamente (outubro de 2006), foi constituída a “Associação dos Repatriados na Itália”.

**A história de nossa emigração, vista pela Argentina.** Na Argentina, calcula-se que a maioria da população é de origem italiana: num século (1876-1976), desembarcaram aproximadamente três milhões de compatriotas e, ainda hoje, mais de meio milhão conservou a cidadania.

A *primeira fase* desta epopéia migratória começa em meados do séc. XIX. Os que se envolvem são os camponeses que, após viagens aventureiras (de navio, com dois pedaços de pão por dia, sem assistência sanitária e profilaxia), finalmente desembarcam e, se reconhecidos por uma constituição física saudável e robusta, espalham-se por todo o país. A legislação local reconhece a paridade de direitos aos recém-chegados, ao passo que, contemporaneamente nos Estados Unidos, prevalece uma política protecionista, para se defender das “raças”, consideradas inferiores (os emigrantes da Europa do Leste e das regiões mediterrâneas).

No final do século, os italianos são mais de um décimo da população residente (então com apenas 4 milhões), concentrados em torno da grande Buenos Aires, com famílias muito numerosas e uma discreta segurança econômica. Não se preocupam somente com o trabalho. É de 1863 o primeiro jornal de nossos emigrados (“L’italiano”, naturalmente), fundado em Buenos Aires. Também não pode faltar o interesse pelo futebol, já que são os fundadores de clubes futebolísticos prestigiosos como o *Boca Juniors* e o *River Plate*.

A *segunda fase* situa-se no início do séc. XX. Começam a chegar também os operários qualificados e os artesãos e, conseqüentemente, contribui-se ao desenvolvimento da capital e ao “milagre

econômico” do país, entre outras coisas com a construção da rede ferroviária. A crise mundial de 1930 provoca uma brusca interrupção dos fluxos, cúmplices também as leis fascistas (possibilidades reduzidas de expatriação, exceto hebreus, antifascistas, sindicalistas e intelectuais dissidentes) e argentinas (obrigação de contrato de trabalho, para obter o visto de desembarque).

A *terceira fase* começa depois da Segunda Guerra Mundial. Na Itália do período pós-segunda guerra, encontram-se centenas de milhares sem teto: italianos que perderam a casa durante os deslocamentos do front, expulsos pelas ex-colônias, prisioneiros libertados, soldados dispersos, imigrados da Europa centro-oriental. Isso provoca uma emigração intensa rumo à capital, ao triângulo industrial, às regiões de fronteira para o trabalho trans-fronteiriço e também para o exterior.

Na Argentina, os fluxos acontecem num nível profissional mais elevado, atraídos pelo novo *crecimiento* econômico do país. Entre 1947 e 1951, baseados no acordo Peron-De Gasperi, chegaram 330.000 italianos (mas seria preciso meio milhão), com uma forte tendência à recomposição dos núcleos familiares e à integração social e cultural até 1960, quando os fluxos vão declinando.

Os italianos estão presentes em todos os campos, introduziram muitas profissões e se afirmam também como proprietários, empresários, políticos; cada 4 empresas vinícolas, 3 são italianas. Depois chegam também as grandes companhias italianas, para os contratos e as transações. Os traços de “italianidade” difundem-se pelo país, inclusive o *cocoliche* e o *lunfardo*, línguas faladas em Buenos Aires, nascidas da fusão de vários dialetos italianos com palavras de origem árabe e espanhola.

A *quarta fase* é constituída pela inversão dos fluxos, com a vinda dos argentinos para a Itália, primeiramente por razões políticas e depois econômicas (crise de 2001-2002). Inicialmente, houve até refugiados, tanto de origem italiana como argentinos; eram jovens e preparados, todos contudo buscando um trabalho, onde frequentemente a Itália é só uma etapa de passagem para a Espanha (que recebeu cerca de 100.000 ítalo-americanos, em relação aos 17.000 argentinos que ficaram na Itália), país mais promissor, por vários motivos. Funcionais neste projeto são o pedido crescente de cidadania italiana e o apoio garantido por projetos regionais específicos.

**A emigração de ontem.** Indubitavelmente a história é feita por eventos e nomes grandes, mas também por vicissitudes humildes de milhões de italianos, sem dinheiro e cultura, com um passado modesto que, às vezes, se quer esquecer.

Uma vez, percorria-se o oceano nas pontes dos navios ou em cabines miseráveis, ou se cruzavam os Alpes com os pés inchados, os olhos manchados e coração trepidante. O século passado viu o abruzês Salvatore Borsei percorrer a pé a África em dois anos, enfrentando mil peripécias, para depois trabalhar em canteiros de obras na África do Sul. Também no período pós-segunda guerra, muitos são tão pobres que não podem nem custear sua viagem, e por isso aproveitam dos programas de “passagens pagas”, como as oferecidas pelas indústrias de tijolos de Bedford, onde no final da década de 1970 havia mais de 8.000 italianos, 10% da população total da cidade.

Sempre na Grã Bretanha, no início do séc. XIX, emigra-se também de regiões como o Comasco, o Apenino Tosco-Emiliano, a Ligúria e a Ciociaria (que continuou com os fluxos também depois), alojando-se de qualquer maneira (*Little Italy* [Pequena Itália] de Holborn) e trabalhando, especialmente em Londres, como pequenos artesãos, vendedores ambulantes de estatuetas, amoladores, ladrilheiros e artistas de rua: em suma, andarilhos, equilibristas e organistas, uma espécie de lava-pára-brisas e os “vu cumpra” [quer comprar], *literalmente*. No final do século, encontramos também os pequenos comerciantes, sobretudo no setor alimentício, com vendedores itinerantes de castanhas no inverno e sorvetes no verão. Não faltam os anarquistas e os revolucionários.

Após a Segunda Guerra Mundial, os italianos chegavam na Austrália depois de 4 ou 5 semanas de navegação, sem profissão e sem nenhum conhecimento da língua. Estão habilitados a realizar somente trabalhos manuais e não qualificados no campo da indústria pesada, das construções, da

agricultura, onde falta mão-de-obra. Entretanto, logo se fazem apreciar pelo empenho, resistência, diligência e curiosidade em aprender, e com o passar do tempo conseguirão emergir.

Nossos emigrantes estão na origem de pequenas cidades, como aquela brasileira de Cascallo, fundada no final do séc. XIX, ou a grande São Paulo, essa também com maioria italiana. Capitan Pastene (Chile) é fundada no começo do séc. XX por famílias vindas do apenino modenense. Mais um italiano do apenino modenense, Felice Pedrone, que partiu com a intenção de procurar ouro, fundou a cidade de Fairbanks no Alaska: sobre suas aventuras, foi criado um espetáculo teatral (*O mistério de Felix Pedro*, por Giorgio Comaschi). Os protagonistas destes fluxos são muitas comunas pequenas, como a de Rocchetta Santo Antônio na província de Foggia, que constituiu a “Coordenação Nacional das Pequenas Comunas da Itália Menor”, apoiada por mais de 40.000 adesões.

Não faltam as histórias de fracassos que estão na origem do êxodo. Em 1891, as demissões do lanifício Rossi, de Schio, na província de Vicenza, são o motivo da emigração de 300 famílias para vários estados do Brasil, que no Rio Grande do Sul implantaram, entre outras coisas, uma cooperativa têxtil ainda hoje ativa.

Talvez a Argentina seja o país mais cheio de sinais do trabalho italiano, que se encontram até mesmo na Terra do Fogo, Patagônia, onde nossos compatriotas foram protagonistas da indústria turística. A eles, que, em grande número e com um tributo notável de trabalho duro e empenho, dedicaram-se ao desenvolvimento *in loco*, foi destinado o vídeo *Migrantes Italianos*, realizado pelo diretor argentino Ernesto Morales em colaboração com a região de Toscana e projetado com sucesso na Itália.

No *Relatório*, fala-se também de casos de racismo, de trabalhadores que se tornaram anciãos e ficaram sozinhos, de hebreus que escaparam às leis raciais durante o nazismo, de pessoas que caíram em alguma armadilha, de gente na ativa e de aposentados.

No dia 9 de setembro de 1917, em Milwaukee, Estados Unidos, um grupo de anarquistas italianos enfrenta a polícia: dois são mortos, os outros presos e condenados a 25 anos de prisão “por conspiração com a finalidade de matar”, num processo caracterizado por preconceitos e anulado na apelação: cinco deles, embora absolvidos, são forçados a repatriar, como recorda o livro do Museu da Emigração de Gualdo Tadino, intitulado *Milwaukee 1919*, autoria de Robert Tanzillo, um jovem ítalo-americano nascido em Brooklyn.

Um capítulo, dedicado aos museus da emigração no mundo, recorda a grande e sofrida epopéia de pessoas obrigadas a tentar a “sorte” em outros lugares. Também naquela época, era comum a venda de sonhos, não raramente fracassados já por ocasião da primeira seleção realizada nos países de destino. O museu de Ellis Island recorda todos os emigrantes vindos da Europa, ao passo que está dedicado somente aos italianos o Museu Meucci Garibaldi, promovido recentemente em Rosebank pela *OSIA-Order Sons of Italy* [Ordem dos Filhos da Itália], nos Estados Unidos.

Encontram-se comportamentos anti-italianos também por ocasião da II Guerra Mundial. Na Grã Bretanha, o sentimento forte de hostilidade, acentuado pela entrada de Mussolini na guerra, naquela mesma noite de 10 de junho de 1940, leva pequenas multidões a se aglomerarem diante das lojas dos italianos, já considerados inimigos, quebrando vitrines e saqueando. Os episódios mais violentos ocorrem em Liverpool e Edimburgo. Churchill inaugura um programa de internamento e aproximadamente 4.000 italianos são aprisionados e conduzidos na Ilha de Man. Aos casos considerados mais perigosos cabe a deportação para o Canadá, medida suspendida após o afundamento (2 de julho de 1940) do transatlântico *Arandora Star*, por obra de um submarino alemão, onde morreram 446 dos 717 italianos a bordo, junto com 175 alemães e austríacos. São libertados somente os internos dispostos a empreender trabalhos “de importância nacional”; e só depois da rendição da Itália, em setembro de 1943, os outros internos também são postos em liberdade, com uma compreensível sensação de amargura e desilusão.

Como vigias das desventuras do passado e das coletividades atuais permanecem os mortos italianos nos cemitérios remotos, conhecidos ou reencontrados, como o do monte Delstern, na cidade de

Hagen, em Ruhr, onde finalmente foi dedicado um túmulo comum aos 52 italianos, mortos em 2 de dezembro de 1944, em seus barracos sob as bombas dos aliados.

**Uma releitura crítica da Máfia nos Estados Unidos.** O sucesso do escritor Mario Puzo (1920-1999), filho de pais napolitanos, ambos analfabetos, deve-se ao romance *O Padrinho* (*The godfather*, 1969). É a história de uma família ítalo-americana e de sua ascensão no mundo da máfia nova-iorquina. Desta máfia, o *Relatório dos Italianos no Mundo* propõe uma releitura interessante, feita por um estudioso campano (habitante da Campânia).

Nos Estados Unidos, os campanos concentram-se, sobretudo, nas cidades grandes do Nordeste e estão empregados em fábricas, na construção de estradas e ferrovias e na mineração.

Não são insignificantes, especialmente nos primeiros anos do grande êxodo, os numerosos episódios de exploração, que começa ainda antes da partida deles, dado pelo fato de que uma forma de financiamento da passagem transoceânica é constituída pelo crédito. Encima destes trabalhadores campanos agem pessoas ambíguas. Quase sempre compatriotas, estes também ex-emigrantes, com uma esperteza, definida pelos norte-americanos como “napolitana”, após ter aprendido – apenas o suficiente – a língua, insinuam-se – com as boas ou as más maneiras – no mundo dos contratos de mão-de-obra estrangeira, operando como intermediários antes e como “patrões” depois. Os emigrantes, esperados no desembarque pelos colaboradores do patrão, aceitam a proteção e as possibilidades de trabalho que lhe são oferecidas, encorajados e tranqüilizados pelo fato de que os patrões e seus capangas falam o seu próprio dialeto; ao mesmo tempo, não tendo nada para perder, estão dispostos a qualquer proposta de trabalho, num piscar de olhos.

Muitos trabalhadores campanos foram introduzidos nos Estados Unidos assim; contudo, mais ainda, no Canadá, onde as leis – bem menos restritivas daquelas estadunidenses – dão mais liberdade operativa aos patrões e seus trabalhadores. As grandes multinacionais – para não terem dores de cabeça, mas sobretudo para não arriscarem ficar sem mão-de-obra – estimulam estes meios de recrutamento forçado, aceitando os favores do traficante de turno que consegue, quase sempre, fazer assumir os últimos chegados, explorá-los, pretendendo e retirando mensalmente uma taxa pela admissão. É inútil dizer que quem se recusar pagar, pode perder o emprego ou é entregue a algozes implacáveis: assim, com o beneplácito do capital, criam-se os prelúdios do crime organizado, contrabandeado depois, pela mídia ultramarina, como produto típico da emigração campana e meridional, em geral. Quando os “patrões”, enormemente crescidos, transformar-se-ão em “padrinhos”, chegando a lesar os interesses do grande capital norte-americano, a máfia tornar-se-á somente um produto italiano doc [denominação de origem controlada].

**Os fluxos de hoje.** Hoje os compatriotas no exterior são, na maioria das vezes, profissionais afirmados ou buscam sê-lo: uma pesquisa realizada pelo Sportello Stage com um grupo de 170 jovens confirma que 97% estão interessados numa experiência de trabalho no exterior. É impressionante, em todos os campos, a afirmação encontrada, seja num país grande como os Estados Unidos seja nas várias realidades européias, tais como a Alemanha, a França, a Bélgica, a Grã Bretanha e a Suíça.

Após a retomada econômica da década de 1980, a capital britânica voltou a ser um ímã poderoso para fluxos migratórios altamente qualificados, geralmente de natureza temporária: para muitos profissionais, gerentes, peritos do setor bancário, assegurador e do comércio internacional, a Cidade de Londres, junto com o novo centro financeiro de *Docklands*, é uma meta muito desejada. Atualmente outra presença relevante é a dos numerosos médicos especializados e dos pesquisadores.

O Reino Unido é, junto com os Estados Unidos da América, o destino principal dos “cérebros em fuga” das universidades italianas. O número preciso de italianos acadêmicos presentes no “triângulo de ouro” (Londres, Oxford e Cambridge) e nas outras universidades britânicas é desconhecido, mas uma pesquisa de 2003 afirmou que aproximadamente 13% de todos os “*post-doc*” europeus presentes na Grã Bretanha vêm da Itália. Segundo um cálculo do Consulado de Bruxelas há, na

Bélgica, 6.000 profissionais, trabalhando junto às instituições internacionais e às grandes companhias italianas.

É abundante, mas dificilmente quantificável, a massa dos estudantes que vai ao exterior para aprender línguas, especialmente o inglês, mas também o francês, alemão e espanhol.

Já em 2004 eram quase 45.000 os estudantes italianos inscritos nos ateneus estrangeiros, um número quase igual ao dos estudantes estrangeiros inscritos na Itália (40.641 no mesmo ano), com esta divisão: 18,1% na Alemanha, 13,9% na Áustria, 11,6% na Grã Bretanha, 10,4% na França e 10% na Suíça. Pelo contrário, relativamente poucos (7,4%) são os que não freqüentam ateneus estadunidenses e quase ninguém nos canadenses (0,8%) e australianos (0,4%) (OCSE, 2006).

Não se deve, contudo, negligenciar nossa presença artística no mundo, que não é só um patrimônio do passado. Entre o fim do séc. XIX e o começo do XX, a contribuição dos emigrantes italianos foi fundamental para a construção da imagem arquitetônica e urbana de muitos países de emigração. Na Argentina, por exemplo, os italianos contribuíram para edificar um novo país, modificando o aspecto urbano de muitas cidades: em Buenos Aires, cerca de 70% dos prédios públicos é obra de arquitetos e empreendedores italianos, inclusive obras emblemáticas como a Casa Rosada, o Palácio do Congresso e o Teatro Colón. Foi fundamental, neste caso, a colaboração entre arquitetos, empreendedores da construção civil e os mestres artesãos de origem italiana, capazes estes últimos de reproduzir decorações e estuques.

Hoje a imagem da arquitetura italiana no exterior é muito mais complexa do que no passado. Depois do período dos arquitetos italianos que, durante e logo após o fascismo, fizeram escola em todo o mundo (a assim chamada “tendência”) e os anos da fama internacional extraordinária de Aldo Rossi, boa parte da representatividade é encarnada pelas “grandes empresas”, como Renzo Piano e Massimiliano Fuksas. Vencedor do Pritzker Prize em 1998 (o equivalente do Nobel para a arquitetura), o *Renzo Piano Building Workshop* assinou, em suas sedes de Gênova e Paris, projetos em todos os continentes, com uma concentração da atividade nos últimos anos nos Estados Unidos. O estúdio de Massimiliano Fuksas, com sedes em Roma, Paris e Viena, ao contrário, tem na Europa seus projetos mais significativos e aproximadamente 80 trabalhos espalhados pelo mundo. No Japão, a nova sede do Instituto Italiano da Cultura, em Tóquio, projetada por Gae Aulenti, tornou-se, em 2005, um caso nacional após os debates suscitados pela cor vermelha do revestimento externo. Mas são numerosos os nomes que poderiam ser citados, pelo esplendor que estão dando ao nosso país.

**Os italianos protagonistas no mundo.** Tantas e diversificadas são as histórias que se pode contar sobre nossa emigração, que viu milhões de pessoas forçadas a abandonar afetos e certezas, para ir buscar em outras terras o que não encontrava na própria.

Vamos começar por uma curiosidade histórica que nem todos sabem: John Martin, aliás Giovanni Martini, de Sala Consilina (província de Salerno), corneteiro do 7º batalhão da Cavalaria sob o comando do general George Armstrong Custer, foi o único que se salvou no ecídio de Little Big Horn.

Não faltam os protagonistas do mundo da música, muitas vezes mais conhecidos no exterior do que na Itália. Entre o fim do séc. XIX e o começo do XX, Eduardo VIII da Inglaterra definiu como “o rei da melodia” o sardo Stanislao Silesu, um compositor italiano precoce de música popular e de câmara, capaz de executar aos 10 anos de idade o primeiro concerto, aos 13 compor serenatas e canções e aos 15 escrever uma comédia musical, para depois emigrar da Sardenha para Milão, por primeiro, e então para Londres e Paris.

Passando aos personagens atuais, temos o problema da escolha daqueles protagonistas de origem italiana que se firmaram na vida pública dos países de inserção: por exemplo, Mario Cuomo por muitos anos governador do estado de Neva Iorque, o ex-ministro da economia de Buenos Aires e o atual candidato a presidente argentino, o ítalo-argentino Roberto Lavagna, ou o candidato, pelos republicanos, à presidência dos Estados Unidos, Rudolph Giuliani, e outros ainda como ministros, governadores, parlamentares, empreendedores e profissionais afirmados.

Muitos são também os personagens do esporte: a jogadora de basquete Andrea Bargnani, primeira *rookie*[principliante] européia na história da NBA, a jogadora de vôlei Francesca Piccinini, que se afirmou na Espanha, Fabio Cannavaro, jogador do Real Madrid e, além dos vários treinadores contratados por times estrangeiros, a oriunda Hope Solo, condutora da equipe feminina norte-americana na Copa do Mundo de futebol na China.

Em um nível mais comprometido, encontramos os sacerdotes que deixaram a Itália para ajudar os compatriotas no exterior: durante um século, foram pelo menos 3 mil. Atualmente no mundo, cuidam de 461 centros, paróquias, missões com pastoral em língua italiana, com 516 sacerdotes que celebram a liturgia em nossa língua. Estão comprometidas nesta pastoral também 166 irmãs e 45 agentes leigos. A metade das presenças e das estruturas pastorais encontra-se na Europa (214), as outras no além-mar. Só na diocese de Brooklyn, com o menor território nos EUA, há 40 paróquias, onde o italiano é usado para a celebração dominical.

Há também cerca de 13.000 missionários italianos presentes em 143 países, para difundir e testemunhar a fé cristã, não raramente arriscando sua própria vida: uma página bonita na história dos italianos no exterior, freqüentemente apoiada por voluntários leigos que se fazem disponíveis por 3-4 anos para ser de amparo no trabalho das missões.

**A mídia italiana no exterior.** 472 jornais, 263 programas radiofônicos e 45 programas de televisão em língua italiana. É o que emerge do catálogo dos órgãos da imprensa, dos programas de rádio e televisão no exterior *L'Italia dell'Informazione nel mondo* [A Itália da Informação no Mundo], realizado pelo Ministério do Exterior. Destes, 86 são publicados na Itália: 78 jornais, 4 rádios e 2 redes de televisão.

Aquela da imprensa italiana no mundo é uma história já secular, que nasce pela iniciativa de alguns exilados políticos na Europa e nas Américas, onde se concentraram as primeiras coletividades de compatriotas e, portanto, em âmbito eclesial. O primeiro título foi a *Croce del Sud* [Cruzeiro do Sul], publicado pelos capuchinhos do Rio de Janeiro em 1765. Enquanto a fase inicial é tipicamente política, a fase sucessiva é de caráter espontâneo e vê proliferar mais boletins de comunidades do que verdadeiros jornais, com uma linguagem freqüentemente pobre, mas aderente àquela das pessoas.

Em 1893, a Direção Geral das Estatísticas encontrou 130 periódicos italianos publicados no exterior: 82 na Europa, 27 na América do Sul, 17 nos EUA e 4 na África. Em 1905, o elenco conta com 264, um aumento de títulos produzidos na América do Norte (90) e do Sul (48). Os jornais são publicados também na China, onde se imprime, em 1906, um mensal italiano. Na Tunísia, entre 1859 e 1910, existem 52 jornais em língua italiana. Nos EUA, no começo do séc. XX, o número de páginas italianas publicadas é “bastante superior em média àquela de qualquer outra colônia italiana até mais florescente”. A redução destes nas Américas acontece no fim da Segunda Guerra Mundial com a diminuição da emigração para a Argentina, Brasil e EUA, também porque a segunda e a terceira geração se integram nas comunidades locais, abandonando progressivamente o uso da língua italiana. Neste período, ao invés, há novos títulos na Europa.

Hoje, de acordo com o catálogo do Ministério do Exterior, são 11 os jornais diários em língua italiana no mundo: destes, 5 estão concentrados nas Américas. O mais antigo entre estes é *La Voce d'Italia* [A voz da Itália], fundado em 1949, em Caracas, Venezuela.

Outro cotidiano, que superou o meio século de vida, é o *Corriere Canadese* [Noticiário Canadense], “o único jornal em língua italiana”, publicado no Canadá, fundado em 1954. O jornal – consultável também na internet no portal [www.corriere.com](http://www.corriere.com) – dirige-se à numerosa comunidade de origem italiana presente no Canadá (2 milhões entre cidadãos e oriundos sobre 30 milhões de canadenses) e, em especial, aos nossos compatriotas que falam e lêem o italiano. Desde 1995, surgiu também *Tandem* [dupla], edição semanal em língua inglesa, voltada sobretudo aos jovens, filhos de italianos que falam de preferência o inglês. O jornal quer ajudar a manter a cultura e a língua italiana no Canadá e, especialmente, no Ontário, onde tem uma propagação maior, e em Montreal, no Quebec.

Jovem, por ter surgido em 1998, é o jornal diário *America Oggi* [América Hoje], aparecido após a demissão de todos os dependentes por um título italiano histórico (*Progresso Italoamericano*). Alguns deles, tanto jornalistas como tipógrafos e administradores, decidem fundar outro jornal, a ser vendido nos jornaleiros e difundido gratuitamente em aproximadamente 70 escolas, onde se estuda o italiano. Nos EUA, publica-se também outro diário: trata-se de *Gente d'Italia* [Povos da Itália], surgido em 2000. Ao invés, é de julho de 2007 a notícia do aparecimento de mais um cotidiano italiano na Argentina: *L'italiano in Sud America* [O italiano na América do Sul].

**A língua e a cultura como instrumento de afirmação.** Hoje o italiano é a quarta língua mais estudada no mundo, a segunda por ordem de inscritos nos cursos no Canadá e a quarta nos Estados Unidos. São aproximadamente 200 milhões os itálofonos no mundo, destes mais ou menos um terço são cidadãos, um terço oriundos e o outro terço amantes.

O Ministério do Exterior distribuiu, em 2006, mais de 26 milhões de euros para a ativação de cursos de língua italiana no exterior, 80% destes foram destinados aos territórios europeus e americanos. De fato, aqui se concentram 83% das escolas italianas e das seções bilíngües que organizam o ensino do italiano, 73% dos institutos italianos de cultura e mais de 90% dos Comitês da “Dante Alighieri”.

Na totalidade, são mais de 600.000 as pessoas no mundo que estudam o italiano junto a escolas públicas locais, universidades, institutos italianos de cultura e várias associações ativas na promoção de nossa língua, entre as quais se destaca a sociedade “Dante Alighieri”.

Mas nem tudo corre bem. A Bavária decidiu declinar totalmente o peso da gerência direta dos cursos da língua-mãe durante o ano escolar 2008/2009, a fim de buscar a integração lingüística alemã a partir das creches, exceção feita pela disponibilidade em apoiar a língua italiana como atividade complementar e opcional (*Arbeitsgemeinschaft*) nas *Realschule* (5ª a 8ª série), além da instituição de aulas bilíngües.

Também nas famílias itálo-canadenses o uso do italiano vai lentamente extinguindo-se e, segundo as previsões, daqui a dez ou quinze anos os filhos dos italianos não só não saberão mais falar o italiano, mas terão também dificuldades para compreendê-lo: esta é a preocupação expressa pela embaixada e pelas organizações italianas. Por isso, foram pensadas estratégias a serem implementadas a fim de introduzir o ensino da língua italiana desde pequeninos, a partir das creches, e promover na RAI International programas dedicados às crianças, preparando melhor também os professores.

Um exemplo de evolução positiva é, assim, o dos Estados Unidos, onde no passado o italiano havia sido classificado como a “língua da mão-de-obra”, ao passo que a “língua da cultura, da classe, das viagens” era o francês. Em 2006, 61.000 jovens estudaram o italiano, quase o dobro em relação a 1970. Nossa língua está, agora, em quarto lugar, entre as mais estudadas no país (746.000 o espanhol, 200.000 o francês, 91.000 o alemão). As possibilidades de maiores avanços são concretas, porque o italiano não é mais considerado uma língua a ser ensinada somente aos descendentes dos emigrados, mas uma língua que tem cultura e estilo.

Com efeito, o italiano e a cultura italiana conseguirão se afirmar cada vez mais não somente por causa da grandeza histórica, mas também pelo esforço que será feito, na Itália de hoje, para selecionar conteúdos, capazes de atrair o interesse dos italianos espalhados pelo mundo e dos países que os receberam.

**Os italianos no exterior e o mundo empresarial.** O total de nossas exportações para o exterior, em 2006, foi de 327 bilhões de euros, com a tendência para um reposicionamento nas faixas mais elevadas do mercado. Mas, no mesmo ano, as importações aumentaram mais do que as exportações, também nos setores típicos do *made in Italy*, como o têxtil ou o vestuário. Isso parece depender também do fato de que muitas empresas italianas, para baixar os custos, tendem a levar para o exterior, junto a empresas consociadas, também as produções da faixa elevada, deixando na Itália somente as fases do planejamento e da comercialização.

Também na Itália percebe-se uma inserção mais dinâmica no contexto globalizado, mas de forma reduzida em relação aos países industrializados concorrentes, como Alemanha, França e Grã Bretanha. Está em jogo a marginalização de nosso sistema produtivo. Estamos atrasados no que se refere aos investimentos diretos no exterior, embora tenha sido superado de muito o bilhão de euros, em 2006. A área de maior participação é a Europa do Leste, junto com a África do Norte, a China e, por último, também a Índia. Por outro lado, a presença das empresas italianas nas produções com índice tecnológico e inovador mais elevado é ainda fraca.

As empresas no exterior, participadas por empresas italianas, são 17.200, os sujeitos investidores 5.789, os dependentes totais no exterior 1.120.550, as entradas 322 milhões de euros. Cada cinco casos, quatro são de participação de controle: em 22,1% dos casos são participações paritárias e minoritárias. Nos últimos anos, cresce a tendência à aquisição, à fusão e ao investimento em redes distribuidoras e nas atividades tradicionais do *made in Italy* e da moda.

Com 150 agências comerciais atuantes junto a 238 sedes da rede diplomática e consular, mais de 100 escritórios do Instituto do Comércio no Exterior e 170 associações de comércio no exterior poderia ser feito mais, mas, dado que as boas intenções não são equivalentes, de per se, a efetivos passos para frente, deve-se reconhecer que a lei n. 56 de 2005 acerca da internacionalização das empresas não produziu os efeitos esperados no que se refere à coordenação das entidades públicas e privadas, à constituição das filiais no exterior, à simplificação das leis e das práticas administrativas. De positivo temos que o Instituto do Comércio no Exterior, como aplicação dos fundos, em 2006 privilegiou as áreas estratégicas e os campos inovadores.

Uma presença maior do Sistema Itália no exterior implica necessariamente numa vinculação com os italianos no exterior. Com isto se preocupou o PPTIE (Programa de Parceria Territorial com os Italianos no Exterior) e, para sete regiões do sul (Basilicata, Calábria, Campânia, Molise, Apúlia, Sicília, Sardenha), o projeto ITENETs (International Training and Employment Network [rede internacional de treinamento e emprego]). O objetivo consiste em melhorar os sistemas ocupacionais e formativos por meio da contribuição e valorização dos italianos no exterior como sujeitos facilitadores (PPTIE) e a criação de uma rede de serviços de informação, animação, e planejamento com a participação dos emigrados, de suas associações e empresas (ITENETs). Estes meios inovadores ainda devem ser experimentados, mas também analisados criticamente à luz dos resultados. Como se vê no *Relatório dos Italianos no Mundo*, fala-se demais, especialmente em nível oficial, de quanto as *comunidades de negócios* italianas no exterior constituam um recurso extraordinário para a Itália e representem um fator autêntico de desenvolvimento e uma vantagem competitiva enorme para nosso sistema país, mas, na realidade, a retórica continua sendo sempre assim e, sobretudo, esquece-se da coerência na hora de elaborar e concretizar as provisões da lei ou das iniciativas públicas.

Sem dúvida, os emigrados deveriam ser considerados um recurso estratégico também em nível econômico: para que isso não permaneça só um slogan, é preciso correr no caminho da realização.

**Para o futuro: um compromisso inovador.** O *Relatório dos Italianos no Mundo*. Um volume cheio de notícias, que se propõe chamar a atenção sobre o mundo da emigração e salientar as potencialidades, sem esconder os problemas e encobrir a complexidade do compromisso. Este mundo pode se tornar verdadeiramente um recurso para a Itália, mas se requerem mudanças e, conseqüentemente, atitudes inovadoras.

A eleição dos parlamentares da Circunscrição Estrangeira não diminuiu o papel das associações dos emigrados, nem aquele dos COMITES e do Conselho Geral dos Italianos no Exterior, canais indispensáveis para a participação. Sem as “antenas” territoriais, que as associações, os COMITES e o CGIE possuem, a capacidade de representação dos parlamentares ficaria limitada na leitura dos problemas e das expectativas das coletividades residentes no exterior. Os parlamentares têm uma representação geral em relação àquela mais específica dos outros organismos, embora as interconexões sejam óbvias.

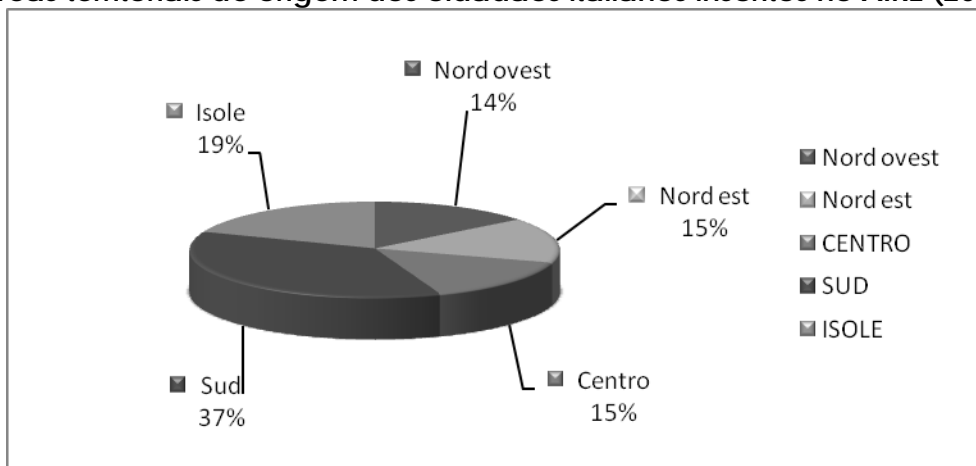
Os méritos das associações são inegáveis em nível de agremiação, ajuda mútua, proteção, participação e, aliás, é preciso assumir mais a função de promoção sócio-cultural em suas diversas articulações.

Porém, é necessária, nestes organismos, uma capacidade maior de interpretar os processos econômicos, culturais e políticos em ato, os meios de participação, as vinculações com a Itália, as exigências dos protagonistas dos novos fluxos migratórios. Para as associações, e não somente para estas, exige-se um esforço de adaptação aos contextos nacionais e à alternância geracional entre os compatriotas.

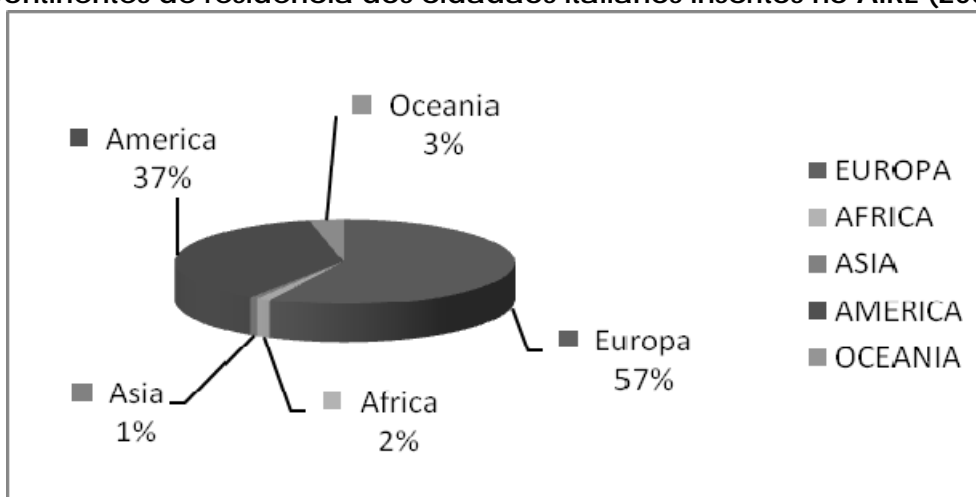
Não é pouco o que se faz em nível regional, mas também as regiões em suas intervenções são chamadas a inserir elementos de maior efeito, assim como para os COMITES e o CGIE trata-se não somente de promover recursos e âmbitos de participação, mas também de começar uma reconsideração do próprio papel.

A questão se põe nos mesmos termos em nível cultural, e assim é também para a pastoral dos italianos no mundo, entre as experiências do passado e as exigências mais diversificadas de hoje, entre o vínculo com a pátria e a inserção no país de entrada, entre a língua local e a italiana. Tradição e abertura ao futuro: interessar-se hoje pela emigração significa criar uma nova síntese. Esta é a mensagem do *Relatório Migrantes 2007*, um subsídio para refletir e preparar o futuro.

### Áreas territoriais de origem dos cidadãos italianos inscritos no AIRE (2007)



### Continentes de residência dos cidadãos italianos inscritos no AIRE (2007)



**Cidadãos italianos inscritos no AIRE. Primeiras 5 regiões de origem por país de assentamento (2007)**

TOTAL			ALEMANHA			ARGENTINA			SUÍÇA			FRANÇA			BÉLGICA			BRASIL		
Região	v. a.	%	Região	v. a.	%	Região	v. a.	%	Região	v. a.	%	Região	v. a.	%	Região	v. a.	%	Região	v. a.	%
Sicília	595.749	16,7	Sicília	186.851	32,2	Calábria	68.729	13,7	Lombardia	73.571	14,8	Sicília	58.841	16,9	Sicília	86.647	36,9	Lácio	62.472	28,3
Campânia	379.435	10,6	Apúlia	93.557	16,1	Sicília	56.421	11,2	Campânia	67.950	13,7	Calábria	33.806	9,7	Apúlia	23.306	9,9	Vêneto	53.063	24,0
Calábria	312.070	8,7	Campânia	70.834	12,2	Piemonte	46.875	9,3	Apúlia	63.111	12,7	Apúlia	31.146	8,9	Abruzo	16.493	7,0	Lombardia	19.490	8,8
Lácio	300.014	8,4	Calábria	60.688	10,5	Lácio	43.415	8,6	Sicília	62.509	12,6	Lácio	23.918	6,9	Vêneto	14.684	6,3	Campânia	15.496	7,0
Apúlia	297.536	8,3	Sardenha	26.965	4,7	Campânia	41.443	8,2	Calábria	40.473	8,2	Vêneto	23.805	6,8	Campânia	13.167	5,6	Calábria	11.953	5,4
<i>Outras</i>	<i>1.683.728</i>	<i>47,2</i>	<i>Outras</i>	<i>140.749</i>	<i>24,3</i>	<i>Outras</i>	<i>246.340</i>	<i>49,0</i>	<i>Outras</i>	<i>188.388</i>	<i>38,0</i>	<i>Outras</i>	<i>176.541</i>	<i>50,7</i>	<i>Outras</i>	<i>80.309</i>	<i>34,2</i>	<i>Outras</i>	<i>58.420</i>	<i>26,4</i>
<b>Total</b>	<b>3.568.532</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>579.644</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>503.223</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>496.002</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>348.057</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>234.606</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>220.894</b>	<b>100,0</b>

ESTADOS UNIDOS			REINO UNIDO			CANADÁ			AUSTRÁLIA			VENEZUELA			ESPANHA			URUGUAI		
Região	v. a.	%	Região	v. a.	%	Região	v. a.	%	Região	v. a.	%	Região	v. a.	%	Região	v. a.	%	Região	v. a.	%
Sicília	43.529	21,9	Campânia	34.494	20,8	Calábria	24.206	18,3	Calábria	23.702	20,2	Campânia	20.440	23,2	Lombardia	10.622	14,6	Campânia	10.723	15,8
Campânia	33.555	16,9	Sicília	21.385	12,9	Lácio	14.385	10,9	Sicília	21.261	18,1	Sicília	14.653	16,6	Lácio	8.797	12,1	Lácio	8.761	12,9
Lácio	21.168	10,6	Lácio	18.185	11,0	Abruzo	14.109	10,7	Campânia	11.676	10,0	Abruzo	11.072	12,6	Piemonte	7.884	10,8	Lombardia	8.493	12,5
Calábria	16.202	8,1	Lombardia	14.541	8,8	Campânia	12.925	9,8	Vêneto	10.854	9,3	Apúlia	8.577	9,7	Campânia	6.082	8,3	Piemonte	8.347	12,3
Apúlia	13.074	6,6	Emília-Romanha	9.936	6,0	Sicília	12.403	9,4	Abruzo	10.135	8,6	Lácio	6.525	7,4	Sicília	5.636	7,7	Ligúria	7.140	10,5
<i>Outras</i>	<i>71.387</i>	<i>35,9</i>	<i>Outras</i>	<i>67.524</i>	<i>40,7</i>	<i>Outras</i>	<i>54.325</i>	<i>41,0</i>	<i>Outras</i>	<i>39.701</i>	<i>33,8</i>	<i>Outras</i>	<i>26.866</i>	<i>30,5</i>	<i>Outras</i>	<i>33.923</i>	<i>46,5</i>	<i>Outras</i>	<i>24.293</i>	<i>35,9</i>
<b>Total</b>	<b>198.915</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>166.065</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>132.353</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>117.329</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>88.133</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>72.944</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>67.757</b>	<b>100,0</b>

CHILE			PAÍSES BAIXOS			SUD AFRICA			PERU			LUXEMBURGO			ÁUSTRIA			EQUADOR		
Região	v. a.	%	Região	v. a.	%	Região	v. a.	%	Região	v. a.	%	Região	v. a.	%	Região	v. a.	%	Região	v. a.	%
Ligúria	11.072	29,4	Sardenha	5.965	20,3	Lácio	3.339	11,9	Lácio	13.771	54,1	Apúlia	5.869	27,0	Trentino A. A.	6.316	41,4	Ligúria	2.208	21,3
Lácio	7.923	21,0	Sicília	3.848	13,1	Piemonte	3.206	11,5	Ligúria	4.162	16,4	Úmbria	1.892	8,7	Friul-V. J.	1.348	8,8	Lácio	1.929	18,6
Piemonte	3.627	9,6	Campânia	2.514	8,5	Friul-V. J.	2.922	10,4	Lombardia	1.360	5,3	Friul-V. J.	1.795	8,2	Vêneto	1.231	8,1	Lombardia	1.289	12,5
Lombardia	2.868	7,6	Lombardia	2.505	8,5	Lombardia	2.829	10,1	Piemonte	1.067	4,2	Marcas	1.626	7,5	Lombardia	1.120	7,3	Campânia	1.006	9,7
Emília-R.	2.196	5,8	Apúlia	1.962	6,7	Vêneto	2.790	10,0	Vêneto	901	3,5	Abruzo	1.430	6,6	Lácio	844	5,5	Piemonte	749	7,2
<i>Outras</i>	<i>10.034</i>	<i>26,6</i>	<i>Outras</i>	<i>12.639</i>	<i>42,9</i>	<i>Outras</i>	<i>12.882</i>	<i>46,1</i>	<i>Outras</i>	<i>4.172</i>	<i>16,4</i>	<i>Outras</i>	<i>9.152</i>	<i>42,1</i>	<i>Outras</i>	<i>4.390</i>	<i>28,8</i>	<i>Outras</i>	<i>3.165</i>	<i>30,6</i>
<b>Total</b>	<b>37.720</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>29.433</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>27.968</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>25.433</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>21.764</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>15.249</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>10.346</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Relatório dos Italianos no Mundo. Elaborado com os dados do AIRE

**Cidadãos italianos inscritos no AIRE. Primeiros 5 países de residência por regiões de origem (2007)**

TOTAL			VALE DE AOSTA			PIEMONTE			LOMBARDIA			LIGÚRIA			TRENTINO ALTO ÁDIGE			VÊNETO		
País	v. a.	%	País	v. a.	%	País	v. a.	%	País	v. a.	%	País	v. a.	%	País	v. a.	%	País	v. a.	%
Alemanha	579.644	16,2	Suíça	1.450	36,6	Argentina	46.875	28,8	Suíça	73.571	27,9	Argentina	12.006	14,1	Alemanha	15.295	27,4	Brasil	53.063	21,4
Argentina	503.223	14,1	França	1.041	26,3	Suíça	19.832	12,2	Argentina	30.889	11,7	Chile	11.072	13,0	Suíça	12.164	21,8	Suíça	37.622	15,2
Suíça	496.002	13,9	Alemanha	159	4,0	França	17.934	11,0	França	21.409	8,1	França	8.465	9,9	Áustria	6.316	11,3	Argentina	29.246	11,8
França	348.057	9,8	Reino Unido	152	3,8	Uruguai	8.347	5,1	Brasil	19.490	7,4	Uruguai	7.140	8,4	Argentina	4.302	7,7	França	23.805	9,6
Bélgica	234.606	6,6	Argentina	150	3,8	Alemanha	8.307	5,1	Alemanha	15.156	5,8	Suíça	5.688	6,7	França	2.117	3,8	Alemanha	19.123	7,7
<i>Outros países</i>	<i>1.407.000</i>	<i>39,4</i>	<i>Outros países</i>	<i>1.011</i>	<i>25,5</i>	<i>Outros países</i>	<i>61.466</i>	<i>37,8</i>	<i>Outros países</i>	<i>103.012</i>	<i>39,1</i>	<i>Outros países</i>	<i>41.046</i>	<i>48,1</i>	<i>Outros países</i>	<i>15.667</i>	<i>28,0</i>	<i>Outros países</i>	<i>85.435</i>	<i>34,4</i>
<b>Total</b>	<b>3.568.532</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>3.963</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>162.761</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>263.527</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>85.417</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>55.861</b>	<b>100,0</b>	<b>TOTAL</b>	<b>248.294</b>	<b>100,0</b>

FRIUL-VENÊCIA JULIANA			EMÍLIA-ROMANHA			TOSCÂNIA			MARCAS			ÚMBRIA			LÁCIO			ABRUZO		
País	v. a.	%	País	v. a.	%	País	v. a.	%	País	v. a.	%	País	v. a.	%	País	v. a.	%	País	v. a.	%
Argentina	24.135	18,5	Suíça	15.806	13,9	Argentina	13.067	12,5	Argentina	38.517	44,4	França	6.935	26,0	Brasil	62.472	20,8	Argentina	23.047	15,9
França	19.533	15,0	Argentina	15.785	13,9	Suíça	11.481	11,0	Suíça	7.103	8,2	Suíça	3.685	13,8	Argentina	43.415	14,5	Suíça	17.181	11,8
Suíça	15.954	12,2	França	12.394	10,9	França	10.923	10,4	França	6.449	7,4	Alemanha	2.240	8,4	França	23.918	8,0	Bélgica	16.493	11,4
Alemanha	8.805	6,8	Reino Unido	9.936	8,8	Brasil	10.743	10,3	Bélgica	5.939	6,8	Argentina	1.994	7,5	EUA	21.168	7,1	França	14.607	10,1
Bélgica	8.744	6,7	Brasil	8.120	7,2	Reino Unido	7.605	7,3	Alemanha	4.624	5,3	Bélgica	1.940	7,3	Reino Unido	18.185	6,1	Canadá	14.109	9,7
<i>Outros países</i>	<i>53.249</i>	<i>40,8</i>	<i>Outros países</i>	<i>51.283</i>	<i>45,3</i>	<i>Outros países</i>	<i>50.890</i>	<i>48,6</i>	<i>Outros países</i>	<i>24.105</i>	<i>27,8</i>	<i>Outros países</i>	<i>9.913</i>	<i>37,1</i>	<i>Outros países</i>	<i>130.856</i>	<i>43,6</i>	<i>Outros países</i>	<i>59.614</i>	<i>41,1</i>
<b>Total</b>	<b>130.420</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>113.324</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>104.709</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>86.737</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>26.707</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>300.014</b>	<b>100,0</b>	<b>TOTAL</b>	<b>145.051</b>	<b>100,0</b>

CAMPÂNIA			MOLISE			BASILICATA			APÚLIA			CALÁBRIA			SICÍLIA			SARDENHA		
País	v. a.	%	País	v. a.	%	País	v. a.	%	País	v. a.	%	País	v. a.	%	País	v. a.	%	País	v. a.	%
Alemanha	70.834	18,7	Argentina	15.269	21,5	Argentina	19.643	21,0	Alemanha	93.557	31,4	Argentina	68.729	22,0	Alemanha	186.851	31,4	Alemanha	26.965	29,2
Suíça	67.950	17,9	Canadá	11.201	15,8	Alemanha	15.740	16,8	Suíça	63.111	21,2	Alemanha	60.688	19,4	Bélgica	86.647	14,5	França	22.907	24,8
Argentina	41.443	10,9	Alemanha	7.281	10,2	Suíça	15.485	16,6	França	31.146	10,5	Suíça	40.473	13,0	Suíça	62.509	10,5	Bélgica	11.853	12,8
Reino Unido	34.494	9,1	Suíça	7.250	10,2	França	6.078	6,5	Bélgica	23.306	7,8	França	33.806	10,8	França	58.841	9,9	Suíça	7.190	7,8
EUA	33.555	8,8	Bélgica	6.405	9,0	Uruguai	5.830	6,2	Argentina	15.877	5,3	Canadá	24.206	7,8	Argentina	56.421	9,5	Países baixos	5.965	6,5
<i>Outros países</i>	<i>131.159</i>	<i>34,6</i>	<i>Outros países</i>	<i>23.661</i>	<i>33,3</i>	<i>Outros países</i>	<i>30.768</i>	<i>32,9</i>	<i>Outros países</i>	<i>70.539</i>	<i>23,7</i>	<i>Outros países</i>	<i>84.168</i>	<i>27,0</i>	<i>Outros países</i>	<i>144.480</i>	<i>24,3</i>	<i>Outros países</i>	<i>17.466</i>	<i>18,9</i>
<b>Total</b>	<b>379.435</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>71.067</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>93.544</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>297.536</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>312.070</b>	<b>100,0</b>	<b>Total</b>	<b>595.749</b>	<b>100,0</b>	<b>TOTAL</b>	<b>92.346</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Relatório dos Italianos no Mundo. Elaborado com os dados do AIRE

Redação Central do Relatório dos Italianos no Mundo  
 IDOS c/o Dossiê Estatístico da Imigração da Caritas/Migrantes  
 Via Aurelia 796, 00165 Roma  
 Tel. 00390666514345  
 Fax. 00390666540087  
[idos@rapportitalianosnelmondo.it](mailto:idos@rapportitalianosnelmondo.it)  
[www.rapportoitalianosnelmondo.it](http://www.rapportoitalianosnelmondo.it)